

INFLUÊNCIA DO VISAGISMO E DA MAQUIAGEM NA AUTOESTIMA DE ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADAS

Influence Of Visagism And Make Up On Institutionalized Teenagers Self-Esteem

Lucimar Filot da Silva Brum¹
Silvinha Maravieski²
Fernanda Raquel da Silva Bertim³

Recebido em: 30 ago. 2013

Aceito em: 30 set. 2013

Resumo: autoestima é o conjunto de atitudes que cada indivíduo tem sobre si mesmo, percepção sobre si mesmo, que podem ser positivas ou negativas, revelando-se através de acontecimentos sociais, emocionais e psicossomáticos. O presente trabalho realizou uma investigação exploratória sobre a relevância de cuidados estéticos na autoestima de adolescentes institucionalizadas. O estudo foi desenvolvido no período de maio a junho de 2011, e a autoestima foi avaliada através da aplicação da Escala de Autoestima de Rosenberg antes e após as oficinas de visagismo e maquiagem com sete adolescentes do sexo feminino, com idades entre quatorze e dezoito anos, residentes em uma instituição casa-lar. Os resultados demonstram que, no início da investigação, as adolescentes apresentavam uma baixa autoestima associada a uma autoimagem negativa. Com a realização das oficinas de maquiagem e com o aprendizado das técnicas de visagismo e automaquiagem constatou-se um aumento significativo na autoestima das adolescentes. Nesse contexto, portanto, pode-se inferir que os cuidados estéticos através de oficinas de visagismo e maquiagem podem contribuir positivamente na promoção da autoestima de adolescentes.

Palavras-chave: Visagismo, Maquiagem; Autoestima, Adolescentes Institucionalizadas.

Abstract: Self-esteem is the set of attitudes that each individual has about himself, perception about yourself, which may be positive or negative, revealing itself through social events, emotional and psychosomatic. This study was an exploratory research on the relevance of aesthetic care in the self-esteem of institutionalized adolescents. The study was conducted in the period May-June 2011, and self-esteem was assessed by applying the Rosenberg Self-Esteem Scale before and after the workshops visagism and make up, with seven female adolescents, aged between fourteen and eighteen years residing in an institution home-home. The results show that at the beginning of the investigation, adolescents showed a low self esteem associated with a negative self-image. With the workshops makeup and learning techniques visagism and self make up and it was found a significant increase in self-esteem of adolescents. In this context, therefore it can be inferred that the aesthetic care through workshops visagism and make

¹ Farmacêutica. Doutora em Ciências Biológicas-Bioquímica, Professora do Curso Superior de Tecnologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas, RS. Autora responsável para correspondência: lucimarfilot@yahoo.com.br.

² Psicóloga graduada na Universidade Luterana do Brasil, pós-graduada em Psicossomática na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

³ Tecnóloga em Estética e Cosmética graduada na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA.

up can positively contribute in promoting the self-esteem of adolescents.
Keywords: Visagism, Make up, Self-esteem, Institutionalized Teenagers.

INTRODUÇÃO

Ao estudar-se a influência do visagismo e maquiagem na autoestima, devem-se compreender alguns conceitos relativos ao desenvolvimento humano que estão envolvidos nessa relação dentre eles: *self*, autoconceito e autoestima propriamente dita. O *self* consiste na combinação de características físicas e psicológicas únicas em um sujeito, ou seja, a integração da totalidade de si mesmo: “quem sou eu”. Segundo os teóricos da psicologia do desenvolvimento, acredita-se que o *self* surge a partir das primeiras interações com o meio social e reflete, em grande parte, as reações de outras pessoas para com o sujeito. Para que haja essa integração, é necessário um ambiente suficientemente bom, acolhedor e continente que possibilite o desenvolvimento das potencialidades de um *self* rudimentar que já existe desde o nascimento embora de forma extremamente frágil.

O autoconceito se refere às percepções que um indivíduo tem de si mesmo, características e atributos particulares; pode ser considerado uma organização hierárquica e multidimensional de um conjunto de percepções de si mesmo, ou seja, tudo aquilo que o indivíduo reconhece como fazendo parte de si. É adaptável, regulado pelo dinamismo individual, pelas características da interação social e pelo contexto situacional. É eminentemente social, já que gera e é gerado nas interações sociais (ASSIS, 2003), refletindo uma visão mais racional de si próprio.

Segundo Aberastury & Knobel (1992), o autoconceito vai se desenvolvendo à medida que o sujeito vai mudando e vai se integrando com as concepções que muitas pessoas, grupos e instituições têm a respeito dele mesmo, e vai assimilando todos os valores que constituem o ambiente social.

A autoestima é o aspecto avaliativo do *self*, ou seja, a avaliação que o sujeito faz de si em termos de valores; é a forma como nos sentimos acerca de nós mesmos, afetando crucialmente todos os aspectos da nossa experiência. Segundo Diogo (2009) a autoestima é fundamental para a identidade do sujeito, bem como é considerada um dos indicadores de saúde-mental. No entanto, parece haver um consenso entre as abordagens desenvolvimentistas de que a autoestima é um aspecto da personalidade que tem sua origem no desenvolvimento infantil, mais precisamente nas primeiras relações de afeto com as figuras parentais, ou

substitutivas.

Para os teóricos da psicanálise, a autoestima é um aspecto da personalidade derivado do narcisismo primário e secundário, em que o bebê passa de um estado de indiferenciação em relação ao mundo real a um estado de consciência corporal de si e em relação à existência de um outro (não-eu), bem como de suas necessidades e de quem pode satisfazê-las, geralmente a mãe (ZIMERMANN, 1999). No entanto há a necessidade de que o ser humano saia da posição narcisista e desenvolva com as demais pessoas um tipo de vínculo no qual reconheça que o outro não é um mero espelho seu, mas sim um ser autônomo, diferente dele. Porém, para que esse processo de diferenciação, separação e individuação do ser humano tenha êxito, é importante que haja uma vinculação saudável. Isso porque o ser humano necessita vitalmente do reconhecimento do outro, do olhar do outro (interação mãe-bebê) para se desenvolver. A qualidade desse olhar influenciará na autoestima do sujeito.

Coopersmith, apud Diogo (2009), define autoestima como a avaliação que o indivíduo faz e que habitualmente mantém em relação a si mesmo. Expressa uma atitude de aprovação ou desaprovação e indica o grau em que o indivíduo se considera capaz, importante e valioso. Em suma, a auto-estima é um juízo de valor que se expressa mediante as atitudes que o indivíduo mantém em face de si mesmo, é uma experiência subjetiva que expõe aos outros por relatos verbais e expressões públicas de comportamentos.

Conforme constatou Coopersmith, apud Diogo (2009), o aspecto mais significativo para a formação do “eu (*self*)” é o relacionamento entre a criança e os adultos importantes de sua vida, geralmente as figuras parentais. Para ele há cinco condições que contribuem para melhorar a autoestima da criança. São elas:

Experimentar uma total aceitação de seus pensamentos, sentimentos e valores pessoais;

Estar inserida num contexto com limites claramente definidos desde que sejam justos e não opressores;

Os pais não usarem de autoritarismo e violência para controlar e manipular a criança, bem como não humilhar, nem a ridicularizar;

Os pais terem altos padrões e altas expectativas em termos de comportamentos e desempenhos da criança;

Os pais apresentarem um alto nível de autoestima, pois eles são exemplos vivos do que a criança precisa aprender.

Portanto, a autoestima é construída na interação humana desde a infância, havendo uma grande influência da dinâmica familiar enquanto modeladora da criança em desenvolvimento. Pode-se dizer que o contexto familiar é fundamental por servir de modelo de imitação e de identificação para a criança, isso porque as crianças, muitas vezes, veem nos pais as figuras detentoras de autoridade, como oniscientes e todo-poderosos; quando as crianças são respeitadas, concluem que merecem respeito e desenvolvem autoestima. No entanto, se são maltratadas, podem concluir que merecem isso, que são culpadas. Os pais são, de fato, como espelhos. O reflexo que desenvolvem torna-se a base da autoimagem dos filhos, influenciando-os em todos os aspectos da vida (DIOGO, 2009).

Essas primeiras relações (parentais) influenciarão os laços afetivos posteriores (escola, trabalho, amizades, relações afetivas, etc), bem como serão a base para a construção da autoimagem e da autoestima. Sendo assim, a socialização da criança inicia e tem seu fundamento na família, cresce através da interação com os pares, desenvolve-se e cria corpo na escola, continua a se expandir na adolescência e juventude para culminar na vida adulta.

ADOLESCÊNCIA

É um período que se situa psicológica e culturalmente entre a infância e a vida adulta ao invés de uma faixa etária específica; trata-se de um período de transição em que a criança se modifica física, mental e emocionalmente, tornando-se um adulto (ABERASTURY & KNOBEL, 1981; BEE, 1997). Segundo Shaffer (2005), para alguns desenvolvimentalistas, em termos cronológicos, a adolescência é a fase do ser humano entre os 12 e 20 anos de idade. No entanto, há a necessidade de se diferenciar a puberdade da adolescência. A puberdade é um fenômeno predominantemente biológico e compreende fundamentalmente as transformações corporais (anatômicas e fisiológicas), a aparição da menstruação, na menina, e da ejaculação no menino. A adolescência se refere ao componente psicológico do processo, que é constantemente determinado, modificado e influenciado pela sociedade, isto é, um processo psicossocial (KALINA, 1999).

Conforme Aberastury & Knobel (1992), as características da adolescência, em termos psicológicos, basicamente consistem em: busca de si mesmo e da identidade,

tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar, crises religiosas, evolução sexual manifesta, que vai do autoerotismo até a heterossexualidade genital adulta, atitude social reivindicatória com tendência anti ou associas de diversa intensidade, condutas contraditórias com predomínio da ação, separação progressiva dos pais e constantes flutuações de humor e ânimo.

Enquanto fenômeno psicossocial por excelência, a adolescência, quando se desenvolve de forma normal, é sinônimo de crise (KALINA, 1999), isso porque o adolescente sofre uma desestruturação de todos os níveis da personalidade seguida de um processo de reestruturação, passando por oscilações na maneira de exprimir-se e de apresentar-se, ao longo de vários anos, sendo um período de transição do mundo infantil e de fantasias para o mundo adulto.

Esse processo biopsicossocial de reestruturação da personalidade é vivenciado em termos de renascimento; o adolescente reproduz psicologicamente o modelo do trauma vivenciado no nascimento, porém com outras características já que se encontra em diferentes condições. Nessa fase, o adolescente vive o luto pelo renascimento no mundo adulto; luto pelo corpo infantil perdido, luto pelos pais da infância, luto pela bissexualidade e pela exogamia. Um importante aspecto do processo adolescente é a definição da identidade sexual. A aceitação do corpo adolescente e a identidade sexual fazem o jovem defrontar-se com o complexo de Édipo. Sua resolução está diretamente ligada ao luto pela endogamia, cuja superação, a exogamia, permite a entrada no mundo dos adultos, que é a meta final de todo o processo adolescente.

Muitas vezes, o jovem pode estabelecer uma relação de negação em relação ao corpo em transformação. Segundo Aberastury & Knobel (1992), a imagem corporal é uma resultante intrapsíquica da realidade do sujeito, isto é, a representação mental que o sujeito tem de seu próprio corpo como consequência de suas experiências em contínua evolução, ou seja, desde os primeiros movimentos psicodinâmicos que permitem o conhecimento do *self* e do mundo exterior. Quando o adolescente se inclui no mundo com esse corpo já maduro, a imagem que tem do seu corpo mudou também sua identidade e precisa, então, adquirir uma ideologia que lhe permita sua adaptação ao mundo e ou sua ação sobre ele para mudá-lo.

Além do processo de maturação do corpo biológico, há, em termos psicológicos, a crise de identidade, sendo essa uma das tarefas mais desafiadoras para o adolescente. É um

período no qual surgem questões como: O que sou? O que serei? Sou igual aos meus pais? Somente quando essas questões forem respondidas, terá sido superada essa crise do ego. Respondendo a tais questões, o adolescente pretende se encaixar em algum papel na sociedade. Daí vem a questão da escolha vocacional, dos grupos que frequenta, de suas metas para o futuro, da escolha do par, etc. Toda a preocupação do adolescente em encontrar um papel social provoca uma confusão de identidade, afinal, a preocupação com a opinião alheia faz com que modifique o tempo todo suas atitudes, remodelando sua personalidade muitas vezes em um período muito curto, seguindo o mesmo ritmo das transformações físicas que acontecem com ele. Portanto a adolescência é um período da vida em que acima de tudo, o jovem tem necessidade de ser reconhecido pelos outros, o que faz acentuar o desejo de pertencer a um grupo de referência e proceder a um afastamento progressivo das influências familiares.

Para definir a si próprio, cada um tem necessidade de proceder a comparações, valorizações, categorizações e regulações das informações que retira do exterior e em conformidade escolher o seu grupo de referência, ou seja, o grupo com o qual se pode comparar, avaliar a si próprio ou avaliar outros, formando assim a sua identidade social. Sendo assim, lidar com adolescente impõe paciência e compreensão para com todo esse processo que envolve oscilações e regressões, alternadas e progressivas, até o ingresso na vida adulta, que poderá ocorrer ou não dependendo do ambiente em se desenvolva.

VISAGISMO E MAQUIAGEM

O visagismo é uma técnica que consiste em aplicar fundamentos da beleza para criar uma imagem pessoal adequada à personalidade do indivíduo, analisando os componentes do seu rosto. O visagismo gira em torno da seguinte pergunta: “O que você gostaria de expressar com a sua imagem?”. Se a imagem que o indivíduo repassa aos demais não estiver de acordo com a imagem que esse tem de si próprio, isso poderá prejudicar seus relacionamentos. Para essa pergunta ser respondida, é necessário que a pessoa saiba exatamente quem ela é, pois é com base na pergunta “Quem é você?” e nas características físicas do indivíduo que se constrói uma imagem pessoal que transmita princípios, crenças e personalidade. Sendo assim, o visagismo é a arte de criar uma imagem pessoal que esteja de acordo com as características físicas e com a personalidade de uma pessoa (HALLAWELL, 2009).

A tarefa de criar uma imagem para alguém inicia com uma pesquisa detalhada sobre a vida dessa pessoa; o que faz, lugares que frequenta, pessoas com quem lida ou convive diariamente. Deve-se conhecer seu comportamento, quais suas necessidades, seus gostos e preferências. Devem-se inicialmente observar as características físicas, como formato de rosto. Isso inclui formato e tamanho do nariz, dos lábios olhos e sobrancelhas, cor da pele e olhos, cor e tipo dos cabelos e assim começar a estabelecer uma imagem que combine com os traços da pessoa (HALLAWELL, 2008).

A maquiagem é uma importante ferramenta no visagismo, pois com ela podem-se intensificar ou amenizar características físicas da pessoa, além de identificar-se determinados grupos sociais. Historicamente, a maquiagem é tão antiga quanto a humanidade. Todavia, os primeiros registros de maquiagem se que têm são datados de 3300 a.C. Para Molinos (2009), a maquiagem não serve apenas para embelezar, mas também tem o poder de reforçar o estilo do indivíduo, deixando-o mais intenso, singular.

Considerando que autoestima é a autopercepção, e que podem ser positivas ou negativas, dependendo das experiências vividas, sejam os acontecimentos sociais, emocionais e psicossomáticos, torna-se extremamente relevante avaliar se cuidados estéticos, através de oficinas de visagismo e maquiagem podem influenciar a autoestima e autoimagem de adolescentes institucionalizadas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste trabalho, utilizou-se o referencial metodológico da pesquisa exploratória, através de um estudo de caso com sete adolescentes do sexo feminino residentes em Instituição Casa-Lar, com faixa etária quatorze e dezoito anos, que apresentavam baixa autoestima e problemas com sua autoimagem.

Para mensurar a autoestima antes e depois, utilizou-se a Escala de Autoestima de Rosenberg, instrumento validado pela Sociedade Brasileira de Psicologia, utilizado para mensurar a autoestima de adolescentes. Trata-se de uma escala tipo Likert, composta por dez questões fechadas que devem ser respondidas numa escala de quatro pontos (de zero a três) – de concordo fortemente a discordo fortemente – sendo que a pontuação máxima é de trinta pontos e quanto maior for a pontuação, maior a autoestima. Também desenvolveu-se e aplicou-se um questionário elaborado pela pesquisadora juntamente com a psicóloga e co-

orientadora do trabalho. O questionário é composto por questões abertas e fechadas, que teve por objetivo buscar informações adicionais sobre autoimagem, autoconceito, autopercepção, bem como o significado sobre a experiência em uma instituição de abrigo, conceito de beleza e feiura.

OS SUJEITOS E A INSTITUIÇÃO:

Inicialmente, selecionaram-se nove adolescentes. O critério para inclusão foi o interesse das mesmas em participarem das oficinas, e o critério de exclusão foi o não comparecimento em alguma das oficinas realizadas. Dentre as nove adolescentes pré-selecionadas, duas foram excluídas do estudo. Uma, por desistência de participação nas oficinas e outra, apresentava dificuldades cognitivas (interpretação de textos e escrita), pois a análise dos resultados dos questionários poderia não ser fidedigna.

O histórico de vida de cada uma das adolescentes, especificamente, bem como os motivos pelos quais elas se encontram na Instituição foram levantados junto à psicóloga da Instituição e foram agrupados conforme a Figura 1.

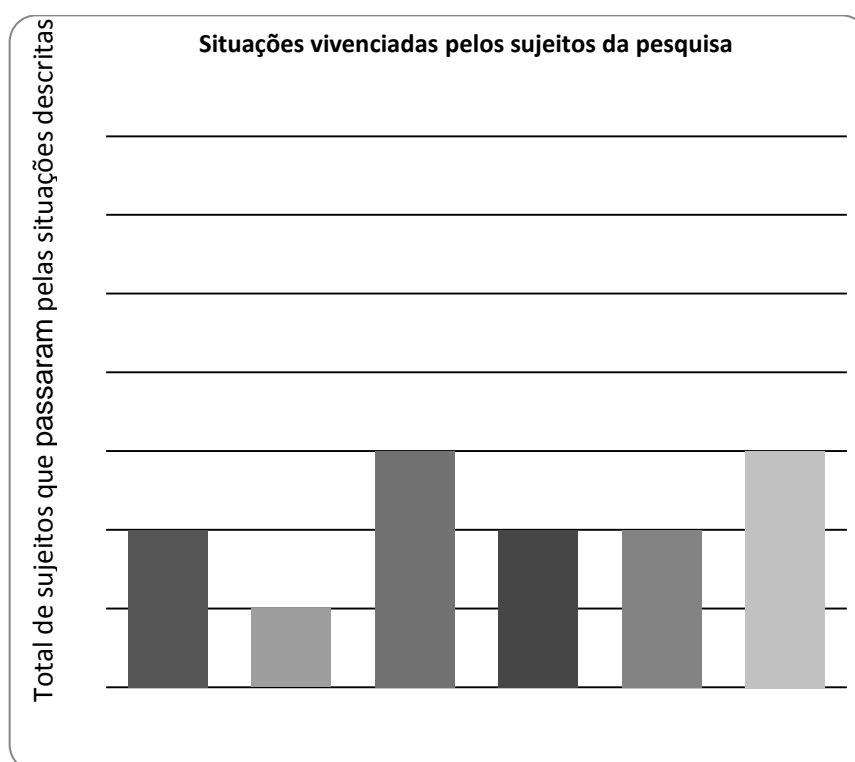


Figura 1. Situações vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

A instituição em questão é uma organização não governamental situada na região do

Vale dos Sinos, que abriga crianças e adolescentes no Estado do Rio Grande do Sul, com idade entre zero a doze anos incompletos. O abrigo funciona sob o regime de casas lares cujo objetivo é evitar a institucionalização, bem como proporcionar um lar substituto enquanto essas crianças e adolescentes permanecem lá em uma tentativa de redução de danos. A instituição conta com nove casas-lares. Cada casa possui um casal de pais sociais contratados, ou seja, cada casal, junto com seus filhos biológicos, aceita até 10 crianças, concordando em criá-los e educá-los até sua independência e idade adulta. É fornecida assistência socioeconômica e psicológica a esses pais. As casas-lares possuem a seguinte infraestrutura: três quartos, dois banheiros, sala, lavanderia, cozinha e varanda, garagem.

A Instituição atua conjuntamente com a Rede de Atendimento de Proteção à Criança e ao Adolescente: Conselhos Tutelares, Programa Sentinela, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente, Secretarias de Educação, Saúde e Assistência Social, etc. Ao ingressarem, as crianças permanecem nela até atingirem maioridade, quando, então, podem deixar a Instituição não sendo imposta a elas nenhuma data para partirem. O juizado da criança e do adolescente do Estado encaminha as crianças ao Lar, onde são acompanhadas por uma psicóloga e uma assistente social. A maioria dos abrigados está na Instituição por negligência de familiares, prisão dos pais, orfandade sem que nenhum familiar se responsabilize por esses, ou quando são vítimas de maus tratos e abuso sexual e são retirados das famílias.

PROCEDIMENTOS

Oficina Piloto: realizaram-se duas oficinas para a familiarização da pesquisadora e dos sujeitos da pesquisa, compreendidas nas duas semanas antecedentes ao início das oficinas. Nessas duas oficinas piloto, a acadêmica ministrou aulas de maquiagem livre, com o intuito de avaliar os conhecimentos de cada um dos sujeitos da pesquisa.

Oficinas experimentais: as oficinas realizaram-se no período de 05 de maio á 07 de julho de 2011, totalizando 10 (dez) oficinas, realizadas uma vez por semana na Instituição, e tiveram duração de 2 (duas) horas cada, com carga horária total de 20 (vinte) horas. Os materiais utilizados durante o estudo eram os de propriedade de cada sujeito, para que aprendessem a aplicabilidade do visagismo e maquiagem a partir de recursos próprios, com o objetivo de evitar a posterior desistência e desmotivação pelo fato de não terem determinados

produtos. Contudo, a acadêmica conseguiu o patrocínio de uma indústria de cosméticos que doou um kit de maquiagem completo para cada sujeito da pesquisa.

As oficinas dividiram-se da seguinte forma: as 6 (seis) primeiras sobre maquiagem e as 4 (quatro) seguintes sobre visagismo. Na primeira e na última oficina foram aplicadas a Escala de Autoestima de Rosenberg e o questionário a fim de comparar os resultados e verificar se houve ou não variação positiva da autoestima dos sujeitos deste estudo.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Luterana do Brasil (protocolo nº 2011-132h).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a escala de autoestima de Rosenberg, o grupo apresentou um acréscimo médio de 58,4% na autoestima das adolescentes quando comparado ao escore obtido no início do estudo.

Quando avaliado individualmente (Figura 2), verificou-se aumento da autoestima mais significativo nas adolescentes F, B, C e G que apresentaram respectivamente aumento de 108%, 90%, 69% e 53%; enquanto a adolescente A apresentou menor aumento (25%). A adolescente E não apresentou variação na autoestima. Por outro lado, verificou-se que a adolescente D apresentou uma diminuição de 12% em sua autoestima, todavia essa condição não foi considerada ruim, pois constatou-se que ela desenvolveu uma visão mais crítica sobre si mesma e percebeu que poderia melhorar sua forma de vestir e maquiagem.

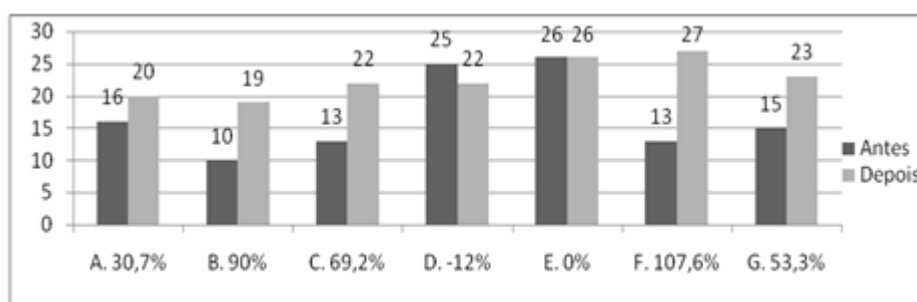


Figura 2. Escores de autoestima obtidos antes e depois das oficinas de visagismo e maquiagem em adolescentes institucionalizadas.

De forma global, verificou-se que o grupo teve um aproveitamento satisfatório das oficinas voltadas para automaquiagem, tendo compreendido e aprendido as técnicas de aplicação de maquiagem ministradas e interagindo melhor com a acadêmica e entre elas. Por

outro lado, o aproveitamento das oficinas sobre visagismo foi regular, pois a grande maioria das adolescentes não demonstrou o mesmo interesse e atenção nas atividades propostas e desenvolvidas nas aulas de automaquiagem, não dando muita atenção ao que era ministrado.

A adolescente A teve um bom aproveitamento das aulas referentes à automaquiagem. O aumento da autoestima ficou bastante visível no segundo questionário (elevação de 25%), pois antes das oficinas, declarou *achar-se feia e querer modificar seu rosto e corpo se pudesse* e ao término das oficinas sua autopercepção mudou, passando a achar-se *bela*, bem como referiu-se estar satisfeita com sua imagem e não querer mudar mais nada em seu corpo e rosto.

A adolescente B teve um excelente aproveitamento das oficinas, pois assimilou bem as técnicas de aplicação da maquiagem e visagismo. Na comparação entre o antes e o depois do questionário elaborado para o estudo, constatou-se que a mesma tem dificuldades com sua autoimagem por se achar obesa, embora não seja, declarando achar-se *“ridícula”*. Para ela, o padrão de beleza ideal é, conforme relatado: *“pessoas como a Beyonce ou como a Rhianna, pessoas magras...”* No primeiro questionário foi pedido para ela atribuir um valor para si em uma escala de um a cinco e ela se autoavaliou como 1 (um), já no segundo questionário esse valor subiu para 3 (três).

A adolescente C aprendeu com destreza a aplicação das técnicas de maquiagem e se mostrou bastante interessada e foi participativa em todas as aulas. Em ambos os questionários disse se achar *“mais ou menos”* bonita. Considera-se bela, mas quando se compara com outras meninas da sua idade, às vezes, muda de conceito.

A adolescente D. teve um excelente aproveitamento de todas as oficinas. Mostrou-se interessada e participativa e aprendeu com êxito as técnicas de maquiagem e fundamentos do visagismo. Todavia, no resultado da comparação entre as Escalas de Autoestima de Rosenberg constou uma diminuição de três pontos. Analisando e comparando as respostas do segundo questionário, a adolescente continua se considerando bela, mas após as oficinas, disse não saber se vestir tão bem quanto havia dito no primeiro questionário. Seu conceito de beleza é naturalidade, como referido por ela: *“pessoas que são bonitas com pouca ou sem maquiagem”*, e seu conceito de feiura é *“a pessoa que não se cuida”*.

A adolescente E também teve um excelente aproveitamento das oficinas, tendo adquirido destreza na aplicabilidade das técnicas ensinadas. No entanto não apresentou

acrécimo na sua autoestima de acordo com a Escala de Autoestima de Rosenberg, nem tão pouco no questionário elaborado para o estudo, pois suas declarações foram as mesmas, expondo que estava plenamente satisfeita com sua aparência e que não gostaria de modificar nada.

A adolescente F. foi quem teve o maior aumento de autoestima, tendo aproveitamento máximo em todas as oficinas. Teve excelente aprendizado das técnicas de maquiagem. Antes do início das oficinas, não costumava fazer muito uso de maquiagem, nem soltar seus cabelos, pois são negróides e, de acordo com a percepção que tinha, eram feios. Com o avanço das oficinas, ela foi aos poucos soltando seus cabelos, apropriando-se dos conceitos de visagismo aprendidos e criando assim uma imagem personalizada. No segundo questionário, fez uma observação, dizendo: *“minhas respostas foram todas respondidas com sinceridade absoluta. Eu simplesmente aprendi a me amar do jeito que sou. Não importa o que os outros vão dizer, eles só vão dizer se eu falar algo falando mal de mim mesma.”*

A adolescente G teve um bom aproveitamento das aulas de maquiagem, todavia não demonstrou o mesmo interesse pelas aulas de visagismo. Antes do início das oficinas, achava-se *“mais ou menos”* bonita e, ao término, mudou sua autopercepção, passando a se achar *“bonita”*.

Conforme demonstrado nos relatos acima, observa-se que embora haja um ambiente institucional em comum, a autoestima é influenciada pelo histórico de vida. Nessas adolescentes, apesar de haver um acréscimo médio de 58,4%, individualmente, cada uma apresentou reações e motivações diferenciadas, muitas típicas da adolescência, principalmente em relação à imagem corporal e autoestima, o que corrobora o que Aberastury & Knobel (1992) refere sobre a imagem corporal ser uma resultante intrapsíquica da realidade do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como relata Brandem (2000), a função da autoestima não é somente fazer com que se sinta melhor, mas de que se viva melhor. Com o aprendizado das técnicas de visagismo e maquiagem, essas adolescentes tiveram a oportunidade de experienciar uma nova perspectiva sobre a sua imagem pessoal, aprendendo a reconhecer e realçar suas características positivas, o que, de acordo com Hallawell (2009), promoverá um acréscimo da autoconfiança e aumento

da autoestima, que, conseqüentemente desencadeará uma série de mudanças e situações positivas em outros aspectos da sua vida.

Esse *empowerment* possibilitou a vivência da autonomia, e a partir de recursos próprios, externo (produtos de maquiagem) e interno (desejo), essas adolescentes tiveram a oportunidade de aprender manipular sua própria imagem.

Uma vez que toda mudança exterior provoca reações e mudanças internas (HALLAWELL, 2009), o trabalho realizado com esse grupo de adolescentes proporcionou um acréscimo médio de 58,4% na autoestima, logo após o experimento, considerado significativo. Apesar de uma das adolescentes apresentar um decréscimo na escala de autoestima de Rosenberg, considera-se esse fato irrelevante, pois essa diminuição não foi significativa. Para tal adolescente, houve um ajuste em termos de parâmetros, levando-a a refletir sobre suas opiniões e escolhas.

O presente estudo, além de proporcionar o acesso a um aprendizado técnico de automaquiagem e visagismo a adolescentes institucionalizadas com o objetivo de melhorar a autoestima, sinaliza a importância e influência da relação interpessoal na atividade profissional do tecnólogo em estética e cosmética. Também demonstra que a automaquiagem e o visagismo são técnicas de estética e cosmética que, atuando de forma associada a outros tratamentos, pode apresentar resultados significativos e efetivos na promoção da saúde. Essa perspectiva encontra respaldo no conceito de saúde da Organização Mundial da Saúde (2011) que considera que a saúde não é apenas ausência de doença, mas também um completo bem-estar físico, social e mental.

REFERENCIAS

ABERASTURY, Arminda.; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal**: um enfoque psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed. 1981.

_____. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ASSIS, Simone G. et al. A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**, n. 3, p. 669-680, 2003.

BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRANDEN, Nathaniel. **A autoestima e seus seis pilares**. 5ª ed. São Paulo: Saraiva 2000.

DIOGO, Fernanda Vilela. Relação familiar e autoestima. *Investigação*, n. 1, p. 17–24, 2009.

HALLAWELL, Philip. **Visagismo: Harmonia e estética**. 6ª ed. São Paulo: SENAC 2009.

_____. **Visagismo integrado**. 2ª ed. São Paulo: SENAC, 2008.

KALINA, Eduardo. **Psicoterapia de Adolescentes: Teoria, técnica e casos clínicos**. 3ª ed. Porto Alegre, Artmed. 1999.

MOLINOS, Duda. **Maquiagem**. 10ª ed. São Paulo: SENAC, 2009.

SHAFFER, David. **Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência**. São Paulo: Thomson. 2005.

WORLD HEATH ORGANIZATION. Disponível em: <http://www.who.int/en/> Acesso em 10 nov. 2011.

ZIMERMANN, David E. **Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 1999.